

Monique Hellen, enfermagem, UVA-RJ
hellen.nique@gmail.com
Aline Monçores, Dra. Design, PUC-Rio/UVA-RJ; orientador
amoncores@gmail.com

O corpo formatado

Resumo: O texto aborda a manipulação do corpo como prática recorrente no contemporâneo e suas relações com a moda, aponta o papel do corpo como parte da identidade, a mídia de moda como propulsora de uma imagem idealizada e distante de uma conduta de saúde.

Palavras chaves: corpo, saúde, moda.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de um estudo de iniciação científica, o qual analisa as mudanças ocorridas no corpo feminino a partir de demandas dos padrões de gosto vigente em diferentes épocas, tendo as formas do corpo como um objeto de modismo e o vestuário como aliado à estas alterações. O trabalho reúne representantes do curso de moda e de enfermagem e ainda encontra-se em andamento, tendo sua conclusão prevista para dezembro de 2013.

O estudo justifica-se devido ao corpo torna-se um campo de exploração formal diversificado. Tido como representação de uma identidade, o corpo é hoje também considerado um “capital”ⁱ, que distingue os sujeitos e ao mesmo tempo os posiciona socialmente, o corpo fala sobre práticas e escolhas. Como meio de comunicação, o corpo torna-se um aliado fundamental da moda no contemporâneo, sendo um veículo além vestuário.

“Dessa forma, é possível notar que, especialmente a partir dos anos 1950, o corpo vem protagonizando uma etapa histórica na qual se apresenta como portador-vetor-expositor dos mais intensos paradoxos contemporâneos e se mostra tão fortalecido quanto fragilizado, tão famoso quanto esquecido, tão exposto quanto blindado, tão visível quanto inexpressível.” (MESQUITA; CASTILHO, 2011, p.7,8)

Metodologicamente, o estudo parte de revisão bibliográfica, fazendo uso de fontes da área de saúde e do campo do design, buscando sempre um ponto de interseção entre ambos que contemple e explicita as questões relativas à manipulação do corpo como objeto de moda.

APARÊNCIAS MANIPULADAS

Grande parte das mulheres na atualidade busca estar de acordo com os padrões da moda, para tal, recorre a dietas, cirurgias e roupas íntimas que possam afinar a cintura e levantar os seios, por exemplo. Neste contexto, a mídia desempenha um papel fundamental na influência do estereótipo padronizado do “corpo ideal”. A produção de imagens atual discrimina a

gordura como um traço antissocial, o que acaba por legitimar o confinamento dos corpos fora da luz midiática (KATZ, 2011, p. 21).

Em paralelo, doenças alimentares se expandem entre a população. Segundo a ONU o Brasil “tem o maior consumo mundial *per capita* de remédios para emagrecer. É líder no consumo de moderador de apetite” (in: GOLDENBERG, Mirian, 2010, p.49), sendo consumidos diariamente 12,5 inibidores por habitante, já nos Estados Unidos a taxa é de 4,8 por habitante. As overdoses de consumo deste tipo de medicamento são perigosas e podem levar a ataques de pânico ou agressividade, além de alucinações, problemas respiratórios, convulsões, coma e até a morte. Como os casos chocantes das mortes da modelo brasileira Ana Carolina Reston e da modelo uruguaia Luisel Ramos, em 2006. Ambos revelaram a pressão que as modelos, sofrem para se manter magras e os sacrifícios que fazem para perder peso (MATHARU, 2011.p.61). Tidas como referencia em beleza, muitas destas jovens apresentam sintomas de anorexia e bulimia. A anorexia nervosa é um distúrbio psíquico, hoje comum, e que se evidencia pela negação da fome, enquanto a bulimia caracteriza-se pela ingestão de grande quantidade de comida em pouco espaço de tempo e para evitar o aumento do peso causa-se autoindução do vômito, colaborado pelo uso de laxantes, diuréticos e a pratica de exercícios rigorosos. O tratamento para estes distúrbios geralmente envolve psicoterapia, educação nutricional, aconselhamento familiar, medicamentos e hospitalização. Segundo Mesquita e Castilho (2011, p.41), estes distúrbios colaboram “para sujeitos desérticos, relações familiares ambivalentes, intensa voracidade e fome “de nada”, apontando que os transtornos alimentares se articulam na problemática da identidade. Área que a moda opera com grande desenvoltura. Mas, neste caso, a moda dá lugar de reconhecimento e de poder para uma expressão estética patológica, negando a magreza como uma doença e colocando-a como algo a ser admirado e conquistado. Leite e Whiteman (2010, p.62) concluem em seu artigo que é “hora de interromper esse ritual sinistro. É hora de parar com essas mistificações da moda, que prega futuros ecológicos, conveniências fraternais e fantasias de glamour, enquanto exhibe nas passarelas verdadeiros flagelos humanos”. (in: MESQUITA; CASTILHO, 2011, p.43)

Silvana Holzmeister também reflete sobre o padrão globalizado das modelos gerando uma homogeneização dos biótipos, independentemente do lugar de origem (in: MESQUITA; CASTILHO, 2011, p.15). As capas das revistas apresentam imagens manipuladas, estimulando o consumo deste tipo de aparência padrão, segundo Santos e Scagliusi (in: MESQUITA; CASTILHO, 2011, p.27) este “é um tema recentemente pautado na mídia e em discussões acadêmicas. Em 2009, por exemplo, a Ralph Lauren veiculou uma campanha publicitaria em que sua modelo tinha sido bruscamente emagrecida, a ponto de sua cabeça parecer maior do que sua cintura.” Apesar de recente, já em 1948 Elza Marzullo justificava este tipo de ação afirmando que “a moda exige que o corpo feminino se submeta às suas fantasias” aumentando ou diminuindo formas (Apud: VILLAÇA, 2007, p. 176).

CONCLUSÃO

As ações de saúde que buscam inibir os distúrbios parecem conflitantes com as estruturas sociais que compartilham com as noções de belo promovido pela

moda. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) “Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de afecção ou doença”. Partindo do exposto, podemos então afirmar que a moda e seus meios de promoção não colaboram para a manutenção da saúde. Ao contrário, o que se promove como modelo de aparência exige esforços do corpo que prejudicam a percepção do eu, a construção da identidade e o bem estar do indivíduo. Assim, como já desenvolvido por alguns é momento de se pensar a moda como meio de promoção da saúde e não apenas de conceitos temporários de beleza. As roupas em modelagens mais ergonômicas e adequadas podem ser um início, os editoriais de moda apresentando corpos possíveis é outro caminho a se utilizar. Afinal, na era da preocupação com a sustentabilidade, nada mais “fashion” do que tornar o humano sustentável. Este estudo continua analisando os vestuários que alteram as formas do corpo.

BIBLIOGRAFIA

SOUZA, Elvira De Felice. **Novo Manual de Enfermagem: procedimentos e cuidados básicos**. 6.ed. Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1980.

REZENDE, Ana Lucia Magela de. **Saude: dialética do pensar e fazer** – São Paulo: Cortez, 1986.

MATHARU, Gurmit. **O que é design de moda?** - Porto Alegre: Bookman, 2011.

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda: Uma História Concisa**, São Paulo: Scwartz, 2002.

ARAUJO, Denise Castilhos de (Dr^a), SCHEMES, Claudia(Dr^a). **Corpo, saúde e vestimentas: o (des) conforto feminino e a lingerie, análise de anúncios publicitários**. Universidade Feevale/RS, 2011.

CASTILHO Kathia e MESQUITA Cristiane. **Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

VILLAÇA, Nizia – **A edição do corpo: tecnociência, artes e moda** – Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007

GOLDENBERG, Mirian - **O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira** – 2. Ed. – São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

¹ Tendo aqui como base os trabalhos de Mirian Goldemberg e Pierre Bourdieu.